

Cristo ordenou aos apóstolos: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Marcos 10:15), convertendo as almas para o reino de Deus. *Pregar* deriva do latim *praedicare* e significa divulgar, proclamar, propagar. *Converter*, na língua latina significa voltar, virar, dar outra forma. Aos apóstolos cabia divulgar a boa-nova e dar outra forma ao mundo, convertendo a multidão. Assim como Cristo multiplicou e distribuiu o pão alimentando os convivas, os seus seguidores multiplicariam e distribuiriam a Palavra de Deus por toda a terra, alimentando os homens. Pregar e converter, em outras palavras, falar e persuadir. O discurso religioso une-se à Retórica Antiga, isto é, à arte que na Antigüidade ensina aos oradores a elaboração, a produção e os efeitos do discurso retórico. A diferença entre os discursos retóricos pagãos e os discursos retóricos religiosos fundamenta-se na percepção de que as prédicas tinham dois autores: Deus e o orador.



Livro**Rápido**

Peça pelo site:  
[www.livrorapido.com.br](http://www.livrorapido.com.br)

ISBN 978-85-7716-300-7



9 788577 163007

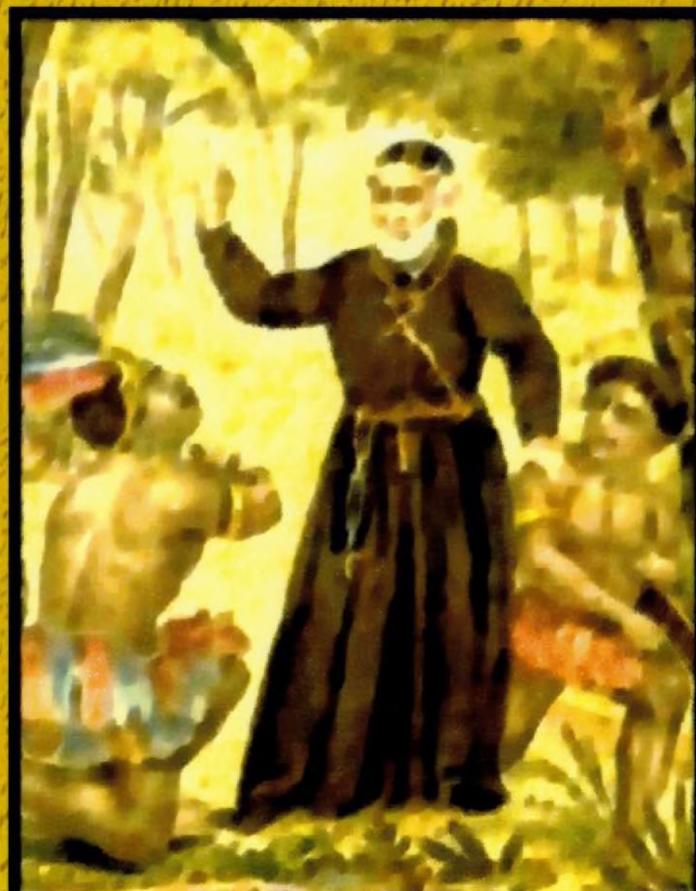
Marcelle Ventura Carvalho

Sermão: a Retórica a Serviço da Fé

Livro Rápido

**Marcelle Ventura Carvalho**

# Sermão: a Retórica a Serviço da Fé



Marcelle Ventura Carvalho concluiu graduação em letras na UFPB, onde realizou mestrado em Literatura Brasileira, defendendo a dissertação: “*Alegoria: a dama dos sermões de Vieira*”. Durante dois anos, atuou como professora substituta de Língua e Literatura Francesas na UFCG, Campus I. Escreveu artigo para a revista *GRAPHOS* da pós-graduação em Letras. Redigiu capítulo para o livro *Linguagem e Discussões Culturais*, editado pela LivroRápido. Prefaciou a obra *Universidade (em prosa e poesia)* que será editado pela UEPB. Participou de vários congressos e seminários apresentando estudo sobre a literatura brasileira, portuguesa e francesa. Atualmente, é professora visitante da UEPB, Campus VI Poeta Pinto do Monteiro, onde exerceu o cargo de coordenadora adjunta do curso de Letras e desenvolve pesquisa em literatura comparada.



LivroRápido

Peça pelo site:  
[www.livrorapido.com.br](http://www.livrorapido.com.br)

*Marcelle Ventura Carvalho*

*Sermão: a retórica  
a serviço da fé*

João Pessoa-PB  
2007

Copyright © 2007 by **Marcelle Ventura Carvalho**

Impresso no Brasil  
Printed in Brazil

Editor  
**Tarcísio Pereira**

Diagramação  
**Maria do Carmo de Oliveira**

Capa  
**Leonardo Alves**

Revisão  
**Da Autora**

C331s Carvalho, Marcelle Ventura, 1973-  
Sermão : a retórica a serviço da fé / Marcelle Ventu-  
ra Carvalho. – João Pessoa: Ed. da Livro Rápido, 2007.  
81p.

ISBN: 978-85-7716-300-7

1. DISCURSOS RELIGIOSOS. 2. SERMÕES. 3.  
RETÓRICA. 4. ORATÓRIA SAGRADA. 5. FALAR  
EM PÚBLICO. 6. ANÁLISE DO DISCURSO. 7. SI-  
LOGISMO. 8. VIEIRA, ANTONIO, 1608-1697 – SER-  
MÕES. I. Título.

CDU 232.33  
CDD 252

PeR – BPE 07-0836

**Editora Livro Rápido** – Elogica  
Rua Dr. João Tavares de Moura, 57/99 Peixinhos  
Olinda-PE CEP: 53230-290  
Fone: (81) 2121.5300 Fax: (81) 2121.5333  
[www.livrorapido.com.br](http://www.livrorapido.com.br)

## **Dedicatória**

Para meus pais, *William e Glória*, bálsamos de força e confiança num mundo de frágeis esperanças.

## **Agradecimentos**

A *Deus*, quando as dificuldades me envolvem, Ele me envolve com seu amor.

A Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. *Socorro Pacífico*, pelo incomensurável privilégio de tê-la como orientadora, proporcionando-me o desenvolvimento da pesquisa e a possibilidade de aplicar uma nova hermenêutica aos estudos coloniais.

A minha avó, *Feliciana Schalcher Ventura*, ausência que o amor presentifica..

A minha filha, *Louise Ventura Carvalho*, pequeno cristal cujo brilho ilumina minha vida.

Ao meu irmão, *Max Willian*, pelo interesse e constante incentivo.

## **Sumário**

Introdução, p.9

1. Retórica e sermão, p.11

1.1. Estilos dos discursos, p.19

1.2. Gêneros dos discursos, p.23

1.3. Produção do discurso retórico, p.30

2. A argumentação no sermão da Sexagésima, p.51

2.1. A influência divina no discurso cristão, p.52

2.2. A influência do ouvinte no discurso cristão, p.54

2.3. A influência do pregador no discurso cristão, p.57

Bibliografia, p. 75

## Introdução

Ao escutar a indagação: Como foi o sermão? Pode-se inferir duas leituras. Primeiramente tratar-se-ia de discurso religioso que interpretaria e ensinaria os desígnios divinos; mas também poder-se-ia imaginar, numa segunda acepção, a alusão a uma censura ou repreensão fastidiosa, resultando em tédio ou desgosto para quem o escuta.

Embora os sentidos fornecidos pelos dicionaristas sejam distintos, nos sermões do padre Antônio Vieira essas acepções parcialmente se complementam, visto que o jesuíta, no século XVII, proferia os discursos religiosos e interpretava as palavras divinas, objetivando, muitas vezes, repreender os vícios e atitudes desmoralizantes do auditório, composto por reis, colonos, índios etc. Para evitar o tédio, garantir a atenção e a compreensão do público, o orador se investiu dos preceitos da retórica antiga, no intuito de transformar, de mover moralmente o *éthos*, o caráter dos seus ouvintes.

O intento desse livro é analisar a apropriação dos cânones retóricos pelos oradores religiosos, sobretudo nas

prédicas vieirianas, ou seja, pretende-se se demonstrar que no sermão a retórica está a serviço da fé.

## 1 – Retórica e sermão

Cristo ordenou aos apóstolos: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Marcos 10:15), convertendo as almas para o reino de Deus. *Pregar* deriva do latim *praedicare* e significa divulgar, proclamar, propagar. *Converter*, na língua latina significa voltar, virar, dar outra forma<sup>1</sup>. Aos apóstolos cabia divulgar a boa-nova e dar outra forma ao mundo, convertendo a multidão. Assim como Cristo multiplicou e distribuiu o pão alimentando os convivas, os seus seguidores multiplicariam e distribuiriam a Palavra de Deus por toda a terra, alimentando os homens. Pregar e converter, em outras palavras, falar e persuadir. O discurso religioso une-se à Retórica Antiga, isto é, à arte que na Antigüidade ensina aos oradores a elaboração, a produção e os efeitos do discurso retórico.

Desde Aristóteles (384-322 a. C.) a Retórica sofre transformações que mudam seu conceito e seu prestígio. O

---

<sup>1</sup> Latim. *praedico*, *as, ávi, átum, áre* 'proclamar, gabar, elogiar, louvar', freqüentativo de *praedicère*; f. erud. (sXIV). Latim. *converto*, *is, versi, versum, tère* 'voltar, virar, dar outra forma', der. do v. *vertère* 'girar, voltar(-se)'; ver *ver(t/s)-*; f.hist. sXIII *converter*, sXIV *cōuerter*, sXV *comuerter*.

autor de “A Arte Retórica” a define como a arte de persuadir sedimentada nos argumentos retóricos. Séculos mais tarde, Quintiliano (séc I, d. C.) a conceitua como a ciência de falar bem. Cícero (106-43 a. C.), entretanto, intermediando-os, não apenas no tempo, mas na parte conceitual, afirma que a Retórica tem por ofício falar adequadamente visando à persuasão. A divergência de definições dá-se pela valorização de uma das partes que compõem a elaboração do discurso retórico: invenção, disposição, elocução, memória e pronúnciação. A invenção é o procedimento de descobrir provas verdadeiras ou verossímeis que justificam a postura do orador diante do tema que será apresentado; a disposição é a organização dessas provas na forma de discurso logicamente ordenado em princípio, meio e fim; a elocução é o processo de harmonização da linguagem com o tema do discurso e com o nível cultural dos ouvintes; a memória é a firme retenção, pelo orador, das partes fundamentais do discurso elaborado; a pronúnciação é a acomodação da voz e dos gestos do orador perante o auditório e conforme o tema que será discutido<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> La invención es la acción de pensar cosas verdaderas o símiles a la verdad, que vuelven probable una causa; la disposición es la

Em face das diferentes etapas de elaboração do discurso persuasivo, alguns retores conferem-lhes importâncias especiais; por exemplo, para Aristóteles só a invenção ou “as provas dizem verdadeiramente respeito à Arte, sendo tudo o mais acessório” ([1998], p. 29); enquanto Quintiliano não mais se refere à Retórica pelo termo próprio, visto que a chama de Eloquência, valorizando, desse modo, o terceiro momento de elaboração do discurso, como se pode observar nas palavras do autor: “Antes de tudo é preciso saber que coisa é a Eloquência” (1944, p. 33). Quintiliano (1994, p. 36) refuta a finalidade eminentemente persuasiva da Retórica, estabelecida por Aristóteles, argumentando que muitas coisas persuadem, dentre elas: o dinheiro, a ameaça, a dignidade, a autoridade, e que esses elementos não pertencem à Retórica. O orador contradiz igualmente a definição de Teodetes (*apud* QUINTILIANO 1944 p. 37), segundo a qual a retórica elabora o discurso que

---

distribución, en orden, de las cosas encontradas; la elocución es la acomodación de las palabras idóneas y sentencias, de acuerdo con la invención; la memoria es la firme percepción del ánimo de cosas y palabras, de acuerdo con la invención; la pronunciación es la moderación de la voz y del cuerpo, según la dignidad de las cosas y las palabras. (CICERO, 1997b, p. 7)

move os homens ao objetivo do orador; pois, conforme Quintiliano, as meretrizes e os bajuladores também persuadem pelo discurso e nem por isso são oradores. Para o autor de *Instituições oratórias*, a retórica é a ciência de bem falar (1994, p. 39); sua definição supervaloriza a elocução, embora não negue a existência das outras fases.

Cícero, valendo-se do conceito de Aristóteles, ratifica que a invenção é a principal de todas as partes de criação do discurso retórico<sup>3</sup>; mas, em outra obra, afirma que o orador perfeito vê-se notadamente na elocução<sup>4</sup>; logo, para o retor latino, a invenção e a elocução são etapas fundamentais da arte de persuadir.

Lembre-se de que o discurso retórico era eminentemente oral, posto que o próprio termo “orador” significa “aquele que fala”<sup>5</sup>. Logo, o texto retórico é o discurso pronunciado na presença dos ouvintes, com palavras decorosas, elegantes e adequadas ao propósito de

---

<sup>3</sup> Por lo cual, en especial en todo género de causas, se considérese cuál deba ser la invención, que es la principal de todas las partes (1997b, p. 8)

<sup>4</sup> El orador perfecto aparece sobre todo en la «elocutio» (1997a, p. 53)

<sup>5</sup> Latim. *orátor, óris* 'orador, enviado, o que está encarregado de uma mensagem oral.

persuadi-los. Mas pode-se indagar: persuadi-los de quê? Da veracidade das provas que se referem a questões dialéticas, ou seja, questões “que são da competência de todos os homens, sem pertencerem ao domínio de uma ciência determinada” (ARISTÓTELES, [1998], p. 29).

Antagônicas à analítica, própria da ciência que gera certeza, as questões dialéticas não possuem um objeto específico, mas envolvem toda a seara de conhecimentos prováveis. “A Retórica é uma parte da Dialéctica e com ela tem parecenças” (Ibid., p. 34). A semelhança dá-se pelo uso de raciocínios silogísticos na argumentação. Embora a Sofística<sup>6</sup> também argumente com deduções silogísticas<sup>7</sup>, o

---

<sup>6</sup> Grego. *sophistikê* 'arte dos sofistas', pelo Latim. *sophístice,es* 'arte do sofisma, sutileza, argúcia'. Na Grécia dos séculos V a.C. e IV a.C., fenômeno cultural de implicações filosóficas, e especialmente retóricas, caracterizado pelos ensinamentos e doutrinas dos diversos mestres da eloquência denominados sofistas (Protágoras de Abdera, Górgias de Leontinos etc.), que, além de ministrarem aulas de oratória e cultura geral para os cidadãos gregos, interferiram em acirrados debates filosóficos, religiosos e políticos da época. Sócrates, Platão e Aristóteles condenavam o relativismo dos sofistas e sua defesa da idéia de que a verdade é resultado da persuasão e do consenso entre os homens. A metafísica se constitui assim, nesse momento, em grande parte em oposição à sofística, cujos adeptos são considerados “produtores do falso” e criadores de ilusões. (JAPIASSÚ, 1996, p. 252)

<sup>7</sup> Silogística: técnica do silogismo que, segundo o *aristotelismo*, é raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas

seu intuito não é instruir ou mover o ouvinte, mas enganá-lo, lançando mão de premissas que pareçam verdadeiras e que levem a conclusões falsas. Além disso, é manifesto que o papel da Retórica cifra-se em distinguir o que é, verdadeiramente, suscetível de persuadir do que só o é na aparência, do mesmo modo que pertence à Dialética distinguir o silogismo verdadeiro do silogismo aparente. O silogismo sofístico é aparente porque finge ser autêntico. O fictício é anti-retórico. Platão criticou o discurso sofístico, *in verbis*

Mas a comparação é esta: uma pessoa, que desconhece a arte de provar por argumentos, **se entrega com cega confiança a um argumento que lhe parece verdadeiro; pouco depois, este passa a lhe parecer falso.** Ora o é, ora não o é; e assim muitas vezes. Sabes também, com efeito, que os que se dedicam a demonstrar o pró e o contra afirmam ter encontrado o cume da sabedoria e haver descoberto, como mais ninguém, que **nenhuma coisa ou**

---

proposições, ditas premissas, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada conclusão.

**demonstração que seja, existe absolutamente base segura ou certeza,** mas sim que, em tudo o que existe, à semelhança do Eurípedes, a parte inferior se mistura com a parte superior, jamais permanecendo estável em seu lugar.

Tens razão – assenti eu.

Mas não seria deplorável desgraça, Fédon, **quando existe ciência verdadeira, sólida, suscetível de ser compreendida,** que aqueles que se puserem a ouvir argumentos que ora são verdadeiros e que ora são falsos, que aqueles mesmos, em lugar de acusarem as suas próprias dúvidas ou a sua falta de arte, lancem toda a culpa na própria razão e passem toda a vida a caluniá-la e odiá-la, privando-se, desse modo, da verdade e da ciência? (PLATÃO, [198-], p. 77, grifo nosso.)

Nessa passagem de Fédon, em que Platão estabelece diálogos entre Sócrates e seus discípulos, percebe-se a crítica direcionada ao relativismo dos sofistas, cujos argumentos parecem verdadeiros, mas, logo depois, tornam-

se falsos, demonstrando que não existe, nesses discursos, base segura de argumentação; ou, melhor dizendo, que a base de suas argumentações se fundamenta na idéia de que não existe certeza e de que a verdade é resultado da persuasão e não de raciocínios solidamente compreendidos.

Tal conduta diverge da opinião de Quintiliano, para quem a argumentação retórica “deve ser sempre regulada pelo juízo” ou sabedoria (1944, p. 251), que unida à justiça, à coragem, à temperança, à magnificência, à magnanimidade, à liberalidade, à mansidão, à prudência compõem as nove partes da virtude (ARISTÓTELES, [1998], p. 60). O discurso retórico é virtuoso, porque promove justiça, com o uso da prudência e da sabedoria na elaboração dos argumentos silogísticos e o discurso sofístico é vicioso, porque promove injustiça, com o uso da imprudência e a recusa dos conhecimentos da ciência na elaboração dos argumentos com os quais pretende persuadir o auditório. Conforme Cícero, a sabedoria desprovida da eloqüência é pouco aproveitada nas cidades, ao passo que, a eloqüência desprovida de sabedoria, em nada se aproveita<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Y aun a mí, cuando reflexiono largo tiempo, la razón misma me conduce especialmente a esta sentencia: a que estime que la sabiduría

Lembre-se de que os sofistas (cf. nota 6) se imiscuem nos debates filosóficos, religiosos e políticos da época, do que se conclui, de acordo com as palavras de Cícero, que suas participações pouco contribuem para o desenvolvimento das cidades. Não se pretende analisar, nesse momento, os discursos sofisticos e sua importância, deseja-se, tão somente, demonstrar que os temas dos discursos retóricos germinam de questões dialéticas reguladas pela razão. O modo como essas questões são abordadas pelo orador, bem como a atitude que o auditório assume concluída a sua pronúncia, distinguem os três estilos e gêneros de discurso retórico.

### **1.1 – Estilos dos discursos**

“Tudo quanto possa ser objecto de discussão entre os homens, deve eloqüentemente ser tratado por quem reconheça que disso é capaz ou então deve abandonar o nome de orador”. (SOARES, 1995, p. 3). Percebe-se,

---

*sin elocuencia aprovecha poco a las ciudades, pero que la elocuencia sin sabiduría casi siempre estorba demasiado; nunca aprovecha. (CICERO, 1997b, p. 1)*

valendo-se das palavras de Cipriano Soares, que a eloquência é a qualidade indispensável ao orador, que deve expressar-se servindo-se de linguagem conveniente ao assunto e, sobretudo, adequada ao conhecimento “lingüístico” e cultural do auditório que pretende convencer. Por essa razão Cícero distingue três estilos de discurso: tênue, médio, elevado.

O estilo tênue ou ático caracteriza-se pela simplicidade e clareza das expressões empregadas, exclusivamente, na língua nativa do auditório<sup>9</sup>. Embora careça, na maioria das vezes, das figuras de linguagem que embelezam as frases e as orações, com exceção de algumas metáforas simples que pertencem ao universo do ouvinte, o discurso tênue exige cuidado com as palavras, para que se possa comprovar os argumentos a um público simples, desconhecedor de arcaísmos, entimemas<sup>10</sup> e neologismos. Por essa razão, segundo Cícero, o estilo tênue a princípio

---

<sup>9</sup> Es un estilo sencillo, bajo, cuyo modelo es el lenguaje normal, pero más cercano en realidad a la elocuencia de lo que normal se cree (CÍCERO, 1997a, p. 67).

<sup>10</sup> O entimema é o silogismo formulado apenas em função de seu efeito retórico, carente de rigor formal, por elidir premissas consabidas, ou rigor teórico, por utilizar argumentos apenas prováveis. Entende-se também por “entimema”, o silogismo em que falta ou está subentendida uma premissa.

parece imitável, mas não o é quando o orador se propõe a elaborá-lo<sup>11</sup>. Diferentemente, o estilo médio, proporciona ao orador maior liberdade de expressões e de argumentos; utilizam-se metáforas<sup>12</sup>, alegorias<sup>13</sup>, silogismos, entimemas, expressões extraídas de outros idiomas; aceitam-se, nesse discurso, todas as figuras de palavras e muitas de pensamento e “[...] *en él se desarrollan igualmente discusiones teóricas amplias y eruditas y se recurre sin esfuerzo a desarrollos generales*”.(CÍCERO, 1997a, p. 75). O orador que pertence a esse estilo é o que “[...] *sale de las escuelas de los filósofos*” (Ibid., p. 75), suas expressões são sublimes, as suas palavras são ornamentadas e elegantes; o

---

<sup>11</sup> Efectivamente, la precisión de este estilo parece ciertamente imitable, al menos cuando uno lo juzga, pero en absoluto lo es cuando uno lo pone en práctica. (CÍCERO, 1997a, p. 67).

<sup>12</sup> Do Latim, *metaphōra,ae* 'metáfora', do grego. *metaphorá,âs*: mudança, transposição. A metáfora é designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que caracteriza outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança.

<sup>13</sup> Do Latim *allegoria,ae* derivado do grego. *allégoria*, que é formado de *állos,é,on* 'outro, outra' + radical do verbo grego *agoreúó* 'falar numa assembléia, falar em público, discorrer oralmente em público' + *-ia* sufixo formador de substantivo abstrato. Alegoria é o modo de expressão ou interpretação usada no âmbito artístico e intelectual, que consiste em representar pensamentos, idéias, qualidades sob forma figurada e em que cada elemento funciona como disfarce dos elementos da idéia representada.

estilo médio é o meio termo entre o ténue e o elevado que se caracteriza pela abundância de figuras e de expressões estrangeiras, além de arcaísmos e de neologismos, persuadindo o ouvinte pela admiração causada pela suntuosidade dos ditos, das sentenças e das frases do orador e não pela compreensão das provas e dos argumentos expostos no discurso. Por essa razão, Cícero recrimina o orador que se expressa unicamente em estilo elevado, assegurando que em seu discurso deve mesclar aspectos dos demais estilos para não se tornar cansativo e, logo, depreciável<sup>14</sup>. O verdadeiro orador não é o de estilo ténue, ou médio, ou elevado, mas o que é capaz de falar das coisas simples, com simplicidade; das coisas elevadas, com vigor e força; e das intermediárias com tom médio (CÍCERO, 1997a, p. 77-78).

A distinção dos três estilos harmoniza-se com o ofício do orador que, para Quintiliano, reduz-se a instruir, a mover e a deleitar (1944, p. 7). Assim sendo, o estilo ténue,

---

<sup>14</sup> Pero en lo que se refiere a ese que ponemos en primer lugar, el orador grave, impetuoso, ardoroso, ya haya nacido sólo para este estilo, ya se haya ejercitado solo en él, si no modera su abundancia mezclándola con los otros dos estilos, es totalmente despreciable (CÍCERO, 1997a, p. 77.).

instrui; o estilo médio, move; o estilo elevado, deleita. Sente-se prazer com as expressões suntuosas e com os rasgos da eloquência. Move-se com os argumentos cuidadosamente elaborados, que provam a virtude do que se declara. Instrui-se com a simplicidade das palavras que veiculam o conhecimento do que é dito, com “*corrección, claridade, conveniência y ornamentación*” (Ibid., p.69). Quer o orador se expresse de modo elevado, médio ou ténue o seu objetivo, como se verá, insere-se nos gêneros de discurso retórico.

## 1.2 – Gêneros de discursos

Em todo o tempo, o gosto do auditório tem sido a medida orientadora da eloquência dos oradores. Efetivamente, todos os que buscam a aprovação do ouvinte esmeram-se em acomodar suas palavras e atitudes ao costume, caráter e estilo dos que lhe ouvem<sup>15</sup>. No entanto,

---

<sup>15</sup> En todo lo tiempo, el gusto del auditorio ha sido la medida orientadora de la elocuencia de los oradores. Efectivamente, todos los que buscan la aprobación, tienen en cuenta los gustos de los oyentes e se pliegan y acomodan a ellos, a su arbitrio y sus gestos.(CÍCERO, 1997a, p. 44)

nos discursos retóricos a participação dos ouvintes não se limita a escutar as palavras do orador, visto que a postura que o auditório irá adotar, concluída a ação do emissor, distinguirá os três gêneros de discurso: Laudatório, Judiciário e Deliberativo.

São três os gêneros da Retórica, do mesmo modo que são três as categorias de ouvintes dos discursos. Com efeito, um discurso comporta três elementos: a pessoa que fala, o assunto de que se fala e a pessoa a quem se fala; e o fim do discurso refere-se a esta última que eu chamo de ouvinte (ARISTÓTELES, [1998], p. 39).

Se há três gêneros distintos, logo também há três finalidades. No discurso laudatório ou demonstrativo, o propósito é louvar ou vituperar algo, ou alguém. Nesse caso, o auditório nada decide, apenas admira o que foi dito, gostando ou não. No discurso judiciário, o intuito é acusar ou defender o réu pela ação passada. Aqui, o auditório, formado por juízes e jurados, condena ou absolve o réu, baseando-se na retórica dos advogados e dos promotores.

No discurso político, ou deliberativo, o alvo é aconselhar ou desaconselhar a realização de algo futuro; o auditório, constituído pela assembléia ou pelo senado, vota a favor ou contra o que fora exposto no discurso<sup>16</sup>.

Pode-se afirmar que o discurso deliberativo refere-se ao “útil” e ao “prejudicial”, “pois quando se dá um conselho este é apresentado como vantajoso, e, quando se pretende descartá-lo, ele é apresentado como funesto”. (ARISTÓTELES, [1998], p. 39). Por sua vez, o discurso laudatório refere-se ao “belo” e ao “feio”, pois quando se elogia faz-se notar a beleza das qualidades de alguém, ou algo, do mesmo modo, quando se vitupera, alude-se à feiúra que emana das coisas, ou das pessoas. O gênero judiciário aplica-se ao “justo” ou ao “injusto” comprovado nas ações do réu, que é condenado pela injustiça dos seus atos ou absolvido pela justiça dos seus feitos, como pode ser observado no quadro sinóptico que segue:

---

<sup>16</sup> El demonstrativo es el que se refiere a la alabanza o a la vituperación de alguna persona cierta; el deliberativo, el que, puesto en debate civil, tiene en sí la dicción de una sentencia; el judicial, el que, puesto en juicio, tiene en sí la acusación y la defensa, o la petición y la recusación (CICERO, 1997b. p. 6)

**Gêneros do Discurso Retórico<sup>17</sup>**

	<b>Deliberativo</b>	<b>Judiciário</b>	<b>Laudatório</b>
Auditório	Membros de uma assembléia	Juízes	Espectadores/ Público
Finalidade	Aconselhar/ desaconselhar	Acusar/defender	Louvar/censurar
Objeto	Útil/prejudicial	Justo/injusto	Belo/feio
Tempos	Futuro	Passado	Presente

Embora, na teoria, as diferenças entre os gêneros retóricos estejam nitidamente marcadas, na prática um discurso pode mesclar as particularidades textuais de dois ou mais gêneros: o objeto do gênero deliberativo é o útil e o prejudicial, mas “[...] por vezes, este gênero toma algo dos outros, por exemplo, o justo e o injusto, o belo ou o feio” (ARISTÓTELES, [1998], p. 39). Os discursos judiciários apresentam aspectos laudatórios quando louvam ou vituperam determinada qualidade do réu; no senado, pode-se aconselhar a realização de algo por ser justo e desaconselhá-lo por ser injusto. Nessas situações, a classificação do

---

<sup>17</sup> Modelo retirado do livro: Argumentação lingüística, 2000, p. 23.

gênero dar-se-á pelo reconhecimento do objetivo do orador e pela atitude do auditório.

Pode-se indagar sobre os objetivos das homilias de padre Antônio Vieira<sup>18</sup>, observando a atitude dos fiéis concluída a prédica. Ou melhor, pode-se identificar quais elementos tornam o sermão um discurso retórico. O sermão é um discurso oral que visa persuadir o auditório sobre questões dialéticas, lançando mão de argumentos retóricos, pois a crença pertence ao universo dialético, visto que a fé é a atitude pessoal frente ao mistério da vida, resultante da cultura e da ideologia dos povos, gerando sempre discussões entre os homens. Do púlpito, o pregador proclama a Palavra

---

<sup>18</sup> “O Padre Antônio Vieira (1608-1697) foi missionário, pregador, diplomata, político e escritor. Nasceu em Lisboa e aos sete anos parte com a família para a Baía, no Brasil, onde o pai exercia a função de secretário do Governo. Estuda no colégio jesuíta da Baía e ingressa na Companhia de Jesus, recebendo ordens em 1635 e iniciando nessa altura o seu trabalho como pregador. Em 1641, parte para Lisboa com o governador para apresentar ao rei D. João IV a adesão à causa da Restauração. O rei encarregou-o de várias missões diplomáticas na Holanda e em Roma. Não sendo bem sucedido nestes encargos, regressou novamente ao Brasil e dedicou-se à catequização dos índios. Após a morte de D. João IV, a Inquisição acusa-o de professar opiniões heréticas (1662-1667), mas é absolvido com a subida ao trono de D. Pedro II. Depois de novo e intenso período de trabalho como diplomata em Roma e como pregador, regressa definitivamente à Baía, onde morre com quase 90 anos de idade. Além dos Sermões (13 tomos publicados entre 1679 e 1699), escreveu *Esperanças de Portugal*, *Clavis Prophetarum* e *História do Futuro*”.

Divina objetivando demover os ouvintes do estado do pecado ou de afastamento de Deus, empregando para tal as provas retóricas como os exemplos bíblicos e os silogismos, além de servir-se de linguagem ornada e adequada aos ouvintes. Se, como foi afirmado, o sermão é um discurso retórico, deve-se indagar sobre qual a atitude da platéia após ter sido proferida a prédica e, conseqüentemente, a qual gênero discursivo essa pertence. No *Sermão de Sexagésima*, padre Antônio Vieira defende Deus, defende os ouvintes e acusa os pregadores pela ineficácia dos sermões, tem-se a predominância do gênero judiciário. Embora não haja a sentença formal, os pregadores são condenados por Vieira, ao passo que Deus e os ouvintes são absolvidos. Quando o sermão tem por fim julgar a postura de alguém pertence ao gênero judiciário; quando aconselha ou desaconselha os fiéis, pertence ao gênero deliberativo; quando louva a Deus ou aos membros da Igreja, o discurso é laudatório, é o caso do *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, quando Vieira enaltece as virtudes de Santo Antônio e recrimina os vícios dos ouvintes, alegoricamente representados por peixes.

Seja o sermão laudatório, judiciário ou deliberativo sua finalidade é a persuasão, dispondo de três caminhos para

alcançá-la: ensinar (*docere*), agradar (*delectare*) e mover (*movere*)<sup>19</sup> (QUINTILIANO, 1944, p. 7). O sermão ensina ao apresentar e ao explicar a Palavra Divina aos ouvintes; o sermão agrada ao propiciar ao ouvinte o prazer de “entender” os artifícios retóricos da linguagem, como alegorias e metáforas; o sermão move o ouvinte ao direcioná-lo à mudança de atitude frente ao mundo. Para atingir esses três alvos, o orador deve organizar o seu discurso, harmonizando as diversas partes que o compõem, tendo em vista a clareza dos argumentos. Poder-se-ia dizer que, dentre as possibilidades apresentadas, o “ensinar” e o “mover” são as que mais se aproximam da finalidade do sermão. Para mover e ensinar, o discurso deve estar bem articulado, obedecendo aos cânones estabelecidos pela Retórica Antiga, etapas de produção que, como é sabido, garantem o êxito do discurso retórico.

---

<sup>19</sup> “**Doceo**, -es, -ere, docui, doctum, verbo transitivo. Sentido próprio: Fazer aprender, ensinar. **Delecto**, -as, -are, -avi, atum, verbo transitivo. Sentido próprio: atrair, seduzir. **Movéo**, -es, -ere, movi, motum, verbo transitivo. Sentido próprio: pôr em movimento, mover.” (Dicionário latino-português, 1991).

### 1.3 – Produção do discurso retórico:

Criar o discurso persuasivo – religioso ou pagão – requer que se percorra o trajeto da retórica, o qual se divide em três etapas: Questão, Elaboração e Execução. A “Questão” é o momento em que o orador escolhe o tema a respeito do qual irá discorrer. Nos seus sermões, Padre Antônio Vieira analisa diversos assuntos, por exemplo: no *Sermão da Sexagésima*, o jesuíta discute sobre a ineficácia dos sermões; na prédica de *Santo Antônio aos Peixes*, aborda a respeito da corrupção do mundo; na homilia do *Bom Ladrão*, discorre quanto a exploração dos governadores das províncias. Chama-se estado da questão, *Status Quaestionis*, a ocasião na qual o orador resume numa frase o tema do seu discurso. (TRINGALI, 1988, p.49)

Delineado o tema, a etapa seguinte é a da Elaboração. A Retórica Antiga é completa por estabelecer e respeitar todas as etapas da elaboração do discurso: Invenção, Disposição, Elocução, Memória e Ação. (CÍCERO, 1997b, p. 7)

a) *Inventio* ou Invenção é a procura, a busca das provas que são a essência da argumentação, sem as quais

não há persuasão. Há em Retórica o termo grego “tópoi” e seu análogo latino “loci<sup>20</sup>”, cuja tradução é “lugares”. Os lugares são *“como las etiquetas de los argumentos, lugares de los que se pudiera sacar todo lo que se va a decir em uno u otro sentido”* (CÍCERO, 1997a. p. 55) Os lugares são na verdade as fontes de onde se retiram as provas. Acontece que os lugares são sempre recorrentes, o que explica o modo pelo que são designados: “lugares comuns”. As provas, ou lugares retóricos, se dividem em dois grupos: provas dependentes e provas independentes.

Dentre as provas umas há que não dependem da arte ao passo que outras dependem. Chamo provas independentes da arte todas as que não foram fornecidas por nós, mas que já preexistiam, por exemplo, os testemunhos, as confissões obtidas pela tortura, as convenções escritas e outras de igual espécie. Constituem provas dependentes da arte todas as que podem ser fornecidas pelo método e por nossos

---

<sup>20</sup>“Loci, plural de ‘Locus’, substantivo masculino. Sentido próprio: lugar, local; Na língua retórica: fundamento de um raciocínio, assunto de um discurso”. (Dicionário latino-português, 1991).

próprios meios (ARISTÓTELES, [1998], p. 33)

Cícero (1997b, p. 36) distingue as provas dependentes em duas: por “inducción o por racionación”. A estas pertenceriam os entimemas e silogismos; e àquelas os exemplos e narrações. Os entimemas são silogismos que consistem “em afirmar em último lugar, sob forma de conclusão, sem ter feito raciocínio completo” (ARISTÓTELES, [1998], p. 162).

As provas independentes são amplamente empregadas nos discursos religiosos. Vieira em todos os sermões resgata fragmentos da Sagrada Escritura, trechos que ratificam as palavras do orador; argumenta que o orador, dependendo do auditório, deve não só falar, mas bradar, pois muitos ouvintes se convencem mais pelos brados do que pela razão. Vieira alega a autenticidade do que diz com a prova independente retirada da passagem da Sagrada Escritura onde se lê que o Senhor começou a bradar: “[...] Dizendo ele estas coisas, clamava: Quem tem ouvidos para ouvir que ouça” (LUCAS, 8:8).

As provas dependentes são argumentos, cuja elaboração é ensinada pela arte retórica. Eles são de duas naturezas: lógicos e psicológicos. São chamados “lógicos” os argumentos que persuadem pela razão, ao contrário dos “psicológicos”, que o fazem pela emoção. Cipriano Soares cita os seguintes lugares dos argumentos lógicos: definição, enumeração, etimologia, palavras aparentadas, gênero, espécie, semelhança, diferença, contrário, circunstância, antecedentes, conseqüentes contraditórios, causas, efeito, comparação (1995, p. 9-10). A “comparação” e a “semelhança” são empregadas por Vieira no *Sermão Sábado Quarto da Quaresma*, como prova de que o homem é pior tentador do que o demônio. No *Sermão da Quinta Domingo da Quaresma*, o orador prova, pelo lugar comum da “causa” e do “efeito” que os Maranhenses são mentirosos devido ao ócio.

Mas não só com razão a causa é vencida, os argumentos psicológicos, também chamados éticos e patéticos, suscitam a adesão ao atingirem a emoção e a credibilidade do ouvinte.

Una de ellas es lo que los griegos llaman 'ethicon', que se refiere a lo que es apropiado a la forma de ser, a las costumbres y toda la conducta de vida de una persona. La otra es lo que llaman 'patheticon, con lo qual se turban y excita los corazones. (CICERO, 1997b, p. 92)

O termo “ético<sup>21</sup>” deriva de *éthos*, palavra grega que significa costume, caráter; o orador apresenta-se à platéia de modo que o que diz condiz com seu caráter, gerando, no ouvinte, sentimento de confiança, e tornando-o mais receptivo. Segundo Aristóteles, obtém-se a persuasão por efeito das provas éticas, ou seja, “[...] por efeito do caráter moral, quando o discurso procede de maneira que deixe a impressão de o orador ser digno de confiança” ([1998], p. 33 Vieira, no *Sermão da Sexagésima*, indaga a respeito do melhor conceito que o pregador leva ao púlpito: “O melhor

---

<sup>21</sup> Substantivo latino. *ethica* 'ética, moral natural, parte da filosofia que estuda a moral', do adjetivo. gr. *éthikós*, feminino singular. *éthikê* 'ético, relativo à moral', conexo com o gr. *éthos, eos-ous* 'modo de ser, caráter, costume'.

conceito que o Pregador leva ao púlpito, qual cuidais que é? É o conceito que de sua vida têm os ouvintes” (2000, p. 36).

Além das provas éticas, há as provas psicológicas patéticas<sup>22</sup>; estas provocam emoção e paixão no ouvinte, o orador utiliza todos os meios para sensibilizar o ouvinte, pode lançar mão de adjetivos, de exemplo, provérbios, histórias etc., que comovem o auditório, tornando-o receptivo ao discurso. É comum o emprego das provas patéticas no início e no final da alocução, pois esses momentos são fundamentais para conquistar o ouvinte.

O discurso retórico é uma fala logicamente ordenada pelo orador, que após ter encontrado ou “inventado” as provas, passa à etapa seguinte: a da “disposição”.

b) A *Dispositio* ou Disposição é a organização do material em forma de discurso, de texto completo com início, meio e fim. As partes do discurso são: exórdio, proposição, partição, narração, argumentação e peroração (TRINGALI, 1988, p. 82). Exórdio é a abertura do discurso,

---

<sup>22</sup> Do grego. *pathétikós, ê, ón* 'acessível às impressões exteriores; capaz de sentir, sensível; que sente as impressões de modo passivo; comovente, próprio para comover', pelo Latim. *patheticus, a, um* 'tocante, impressivo'.

o momento em que o orador logra a atenção e a complacência da platéia, ou seja, a *captatio benevolentiae*. “*La benevolência se prepara desde quatro lugares: de nuestra persona, de la dos adversarios, de la de los jueces, de la causa*” (CICERO, 1997b, p. 17). Observe-se o início do *Sermão da Sexagésima*:

E se quisesse Deus que este tão ilustre e tão numeroso auditório saísse hoje tão desenganado da pregação, como vem enganado com o pregador! Ouçamos o Evangelho, e ouçamo-lo todo, que todo é do caso que me levou e trouxe de tão longe. (VIEIRA, 2000, p. 29)

Vieira prende a atenção dos ouvintes com o uso do adjetivo “ilustre”, que enaltece o auditório, tornando-o dócil, bem como a referência à magnitude do assunto “o Evangelho”, que foi capaz de trazê-lo de tão longe, isto é, do Maranhão<sup>23</sup>. Após garantir a atenção dos ouvintes, Vieira

---

<sup>23</sup> Sob o reinado de D. João III (1521-1557), a região do Maranhão foi dividida, em 1535, em duas capitânicas, uma delas coube a Aires da Cunha, a outra a Fernando Álvares de Andrade. O Estado do Maranhão e Grão Pará foi criado pela Metrópole em 1621. Mas foi somente depois

expõe a **proposição** do discurso, ou seja, a *status quaestionis*, o tema de que irá tratar na prédica. No capítulo II do *Sermão da Sexagésima*, o orador apresenta a proposição no fragmento seguinte:

Pois se a palavra de Deus é tão poderosa, se a palavra de Deus tem hoje tantos Pregadores, por que não vemos hoje nenhum fruto da palavra de Deus? Esta tão grande e tão importante dúvida será a matéria do sermão. (VIEIRA, 2000, p. 33).

Mas o sermão é demasiadamente longo, por isso o orador apresenta ao público a **partição**, isto é, o plano sucinto dos tópicos que analisará no decorrer da prédica, facilitando a compreensão dos ouvintes. Veja-se como Vieira expõe a partição no *Sermão da Sexagésima* na passagem abaixo:

No Pregador podem-se considerar cinco circunstâncias: a Pessoa, a Ciência, a

---

da expulsão dos holandeses, em 1644, que se consolida o domínio de Portugal na região. A separação entre Maranhão e Grão-Pará data de 1774.

Matéria, o Estilo, a Voz [...] Todas essas circunstâncias temos no Evangelho. Vamos examiná-las uma por uma, e buscando esta causa. (VIEIRA, 2000, p. 36).

Em alguns discursos, vê-se a **Narração** que é o relato dos acontecimentos que são matéria do discurso, a exposição dos fatos deve ser clara e breve. Vieira narra a sua expulsão juntamente com os demais jesuítas<sup>24</sup> do Maranhão, no *Sermão da Epifania*:

Quem havia de crer que houvessem de arrancar violentamente de seus claustros aos Religiosos, e levá-los presos entre Beleguins e espadas nuas pelas ruas públicas, tê-los aferrolhados, e com guardas, até os desterrarem? Quem havia de crer que com a mesma violência e afronta lançassem de suas cristandades aos pregadores do Evangelho, com escândalos nunca imaginados dos antigos Cristãos, sem pejo dos novamente convertidos, e à vista dos gentios atônitos e pasmados?... isto é o que

---

<sup>24</sup> Membro da Companhia de Jesus, ordem secular fundada em 1540. [Cf., nota 29]

lá se viu então: e que será hoje o que se vê,  
e o que se não vê? (VIEIRA, 2000, p. 600).

Após a narração dos fatos, o orador inicia a **argumentação**, isto é, a demonstração das provas encontradas na “invenção”, é o momento capital do discurso, visto que em virtude dos argumentos atinge-se a persuasão. As demonstrações ratificam a tese do orador e rejeitam as teses contrárias. Vieira corrobora sua tese com as provas independentes, que retira abundantemente da Escritura Sagrada, isso indica que se as opiniões de Vieira são baseadas e confirmadas pela Palavra Divina, logo, todos devem aceitá-las. Assim, por exemplo, no *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, para provar que os pregadores têm a função de zelar pela conservação moral do auditório, Vieira compara o pregador com o sal, referindo-se à passagem bíblica de Mateus (5:13) que diz: “Vós sois o sal da terra”, significando que assim como sal, o pregador deve evitar a corrupção ajudando a conservar a integridade dos preceitos cristãos.

O momento seguinte da argumentação é a **peroração**, isto é, desfecho do discurso. O orador faz, nessa

parte, a síntese de sua fala, relembrando ao auditório os pontos mais importantes da exposição. É a ocasião mais apropriada ao emprego dos argumentos patéticos, pois a emoção é o toque final que suaviza os espíritos reacionários à causa e faz com que aprovelem o discurso. No capítulo VI do *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, Vieira resume todo o raciocínio desenvolvido ao longo do sermão, instigando o louvor a Deus, exaltando a importância e vantagem de ser “peixe”, é o que se depreende do trecho seguinte:

Louvai, Peixes, a Deus, os grandes e os pequenos, e repartidos em dois coros tão inumeráveis, louvai-o todos uniformemente. Louvai a Deus, porque vos criou em tanto número. Louvai a Deus, que vos distinguiu em tantas espécies: louvai a Deus que vos vestiu de tanta variedade e formosura; louvai a Deus, que vos habilitou de todos os instrumentos necessários para a vida: louvai a Deus, que vos deu um elemento tão largo e tão puro: louvai a Deus, que vindo a este mundo, viveu entre nós, e chamou para si aqueles que convosco e de vós viviam: louvai a Deus, que vos sustenta: louvai a

Deus, que vos conserva: louvai a Deus, que vos multiplica: louvai a Deus, enfim, servindo, e sustentando ao homem, que é o fim para que vos criou; e assim como no princípio vos deu a sua bênção, vô-la dê também agora. Amém. (2000, p. 339-340).

Em síntese, na disposição, segunda etapa da elaboração, o orador organiza o texto de modo lógico. No exórdio, chama a atenção do ouvinte; na proposição apresenta o tema; na partição mostra os caminhos que irá seguir; na narração sintetiza os fatos; na argumentação expõe as provas e na peroração recapitula o discurso emocionando o público. Feito o esboço do discurso, a etapa seguinte da elaboração é a Elocução.

c) A *Elocutio* ou Elocução dá alma ao plano geral do orador, faz com que viva e seja brilhante na sua manifestação. A elocução é o itinerário retórico revestido de linguagem. O orador escreve total ou parcialmente o discurso para depois decorá-lo, isso justifica e explica o fato de Vieira falar por várias horas. A linguagem empregada deve ser correta, clara, adequada e elegante. Correta, porque

a língua é o instrumento, e como tal deve seguir as regras da gramática, qualificando dessa maneira a elaboração do discurso. A expressão deve ser clara, para que as pessoas entendam o que está sendo dito e concordem, pois sendo as palavras e os termos obscuros, o pensamento também o é, visto que as palavras refletem o que se pensa. O estilo deve ser adequado, para ser clara a linguagem precisa estar conforme ao público, ao tema e ao gênero do discurso; exige-se harmonia entre o que está sendo dito, para quem está sendo dito e a forma como é proferido, por esse motivo “Vieira recicla conceitos predicáveis das Escrituras, citando-os sempre em latim” (HANSEN, 2000, p. 178) para o destinatário culto, ao mesmo tempo em que faz a tradução em português “redefinindo o que diz para tipos não-letrados e populares”, adaptando a tradução às circunstâncias em que prega o sermão. Veja-se o que afirma Aristóteles a respeito do estilo e da clareza do discurso:

Limitemo-nos a estas observações teóricas e definamos a virtude do estilo: ela consiste na clareza. Sinal disso é que, se o discurso não tornar manifesto o seu objeto, não cumpre a missão. Além disso, o estilo não

deve ser rasteiro, nem empolado, mas convir ao assunto.(ARISTÓTELES, [1998], p. 176).

O estilo deve ser elegante, a elegância dá-se pelo uso dos recursos da linguagem que a fazem artística, são figuras que embelezam, que suavizam e que engrandecem o texto pela função poética da linguagem. O uso escasso, moderado, ou abundante de figuras diferenciará, como se observou, os três estilos respectivamente: tênue, médio e elevado. Dentre os vários recursos que proporcionam clareza, a metáfora é o mais proveitoso, “O que confirma é que elas [as metáforas] são as únicas a serem utilizadas por toda a gente; não há ninguém que na conversação corrente não se sirva de metáforas” (Aristóteles, [1998], p. 176). No entanto, essas metáforas não podem produzir o que Hansen chamou de *Tota Allegoria ou Alegoria perfeita ou Enigma* (1987, p. 24), ou seja, metáforas continuadas, cujo sentido não seria interpretado pelo ouvinte; o orador deve servir-se da *Permixa Apertis Allegoria ou Alegoria imperfeita* (HANSEN, 1987, p. 30), que por ser imperfeita, favorece a supressão do véu figurativo e a leitura do sentido da

expressão. Ao desvanecer a mensagem, o ouvinte envaidece-se de sua capacidade interpretativa, tornando-se receptivo e acolhedor em todo o ato discursivo. Segue-se que para Aristóteles,

O orador deve aplicar-se tanto mais em procurar metáforas quanto o discurso dispõe de menores recursos que os versos. A metáfora é o meio que mais contribui para dar ao pensamento, clareza, agrado e ar estrangeiro de que falamos; nem é possível tomá-la de outrem.(ARISTÓTELES, [1998], p. 177)

Após embelezar o discurso e adaptá-lo ao ouvinte, o orador deve aplicar-se em memorizá-lo, o que compreende a quarta etapa de elaboração do discurso persuasivo.

d) A **Memória**, para Cipriano Soares (1995, p. 142), é “um tesouro da eloquência”, pois “sua força incrível representa como que uma espécie de recursos em que o orador deve ser rico”. O discurso não deve ser lido, porque as mãos e o corpo devem estar totalmente livres para a

quinta e última etapa de elaboração do discurso que é a ação.

e) A *Actio* ou Ação é a pronúncia ou declamação do discurso. Os elementos supra-segmentais como ritmo, pausa, entonação, timbre de voz e gestualidade adquirem importância ímpar, pois o orador “[...] recurrirá también a los movimientos, sin exageración. En el porte, se mantendrá derecho y erguido. Pocos pasos y cortos” (CÍCERO, 1997a, p. 59). É o momento do não-verbal mostrar toda sua eloquência, imprimindo ao discurso grande carga emotiva. O orador, porém, deve agir com naturalidade, deve por isso pronunciar corretamente as frases, gesticular quando for preciso, dar a pausa apropriada, o ritmo certo e a expressão facial convincente. É a linguagem do corpo persuadindo. O orador, nesse momento, assemelha-se ao ator.

Em síntese, o orador escolhe o tema do discurso, recolhe o material que utilizará em sua fala, dispondo-o de modo coerente, tornando-o vivo e elegante pela linguagem, memoriza-o e o pronuncia diante do público, lançando mão da prosódia e da gestualidade. Mas, a capacidade de recolher, de organizar, de ornar e de memorizar as provas, só consegue quem tem:

Talento, Estudos, e Aplicação. Ninguém espere fazer-se eloqüente à custa somente do trabalho alheio. É necessário trabalhar de dia e de noite, forcejar uma e outra vez, amarelar sobre os livros, e fazer-se cada um assim um talento, um uso, e método particular, e ter todas estas coisas tanto à mão, que não seja preciso andá-las buscando com os olhos. Pareçam naturais, e não ensinadas. Pois a Arte, se há para isto, o que pode fazer é mostrar brevemente o caminho, e assaz faz em nós por diante todas as riquezas da eloqüência. De nós é o sabermos aproveitar-nos dela. (QUINTILIANO, 1944, p. 354).

De quais talentos dispunham os Apóstolos quando se lançaram no mundo a expandir o Evangelho? Momentos antes de sua ascensão aos Céus, Cristo lhes outorgou poder, como consta no Livro de Atos dos Apóstolos (1: 6-8): “Mas recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como na Judéia e Samaria e até aos confins da terra”. Jesus os chama de “Minhas Testemunhas”, que significa embaixadores do

Reino para levar o Evangelho inicialmente ao mundo conhecido, estendendo-se aos confins da terra. Se antes eram pescadores de peixes, Cristo os transforma em pescadores de homens (Mateus 4:12-19). O mar é o mundo, a rede é a Palavra Divina. Mudar o mundo com a Palavra de Deus, eis o discurso persuasivo.

O primeiro sermão, pronunciado por apóstolo após a morte de Cristo, é o “discurso de Pedro”, (Atos 2:,14-42). Pedro, o orador do sermão, era pescador e comerciante, muito provavelmente não lera as obras de Aristóteles, Cícero e Quintiliano; mas, como se verá, em todo o discurso há o constante uso dos topos retóricos. No início do discurso, o orador, com voz forte, convoca o público a ouvir o sermão: “Então Pedro, pondo-se em pé com os onze, levantou a voz e disse-lhes: Varões judeus e todos os que habitais em Jerusalém, seja-vos isto notório, e escutai as minhas palavras”

O tema do sermão é a inspiração do Espírito Santo e o Senhorio de Cristo. Os ouvintes de Pedro são os Judeus. O orador tinha consciência de estar falando para homens cultos, porquanto afirma que “vós mesmos bem sabeis”. É

lícito supor então que o nível do discurso é adequado ao nível cultural dos ouvintes.

Que argumentos e que provas Pedro utiliza para persuadir seu auditório? O Antigo Testamento, as profecias de Joel e do rei Davi. A multidão pensa que os discípulos estão embriagados, pois eles começam a falar de modo espantoso, utilizando uma língua singular, mas ao mesmo tempo compreensível em todos os dialetos. Pedro levanta-se e prova que os discípulos não estão embriagados, trata-se, na verdade, da manifestação e inspiração do Espírito Santo entre eles, cumprindo-se o presságio do profeta Joel, cujas palavras se encontram nos versículos 17 e 18. Para justificar o segundo tema: o senhorio e o reinado de Cristo, Pedro faz uma pequena narração da morte de Jesus, provando que a ressurreição havia sido prevista pelo rei Davi, onde se lê: “[...] não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que teu Santo veja a corrupção”

Examinando o discurso de Pedro, vê-se a ocorrência de alguns lugares comuns da retórica, tais como: a) discurso dialético, b) adaptação do sermão ao nível cultural dos ouvintes, c) uso de provas independentes retiradas do Velho Testamento, d) presença do discurso jurídico -

principalmente no início, quando se deseja inocentar os apóstolos da calúnia de estarem embriagados, e) narração da morte e ressurreição de Cristo, afirmando que Ele era o Messias. As provas independentes e a narração também servem como provas patéticas, pois provocam no ouvinte a sensação de compunção e de pecado, visto ter sido o povo Judeu que matou Cristo; logo, inocentam-se os discípulos e culpam-se os Judeus.

Como explicar de um pescador aplicar algumas das regras retóricas sem ter lido as obras dos retores? Há duas respostas possíveis. Crer no que está sendo dito no texto sagrado, que a iluminação divina proveria os discípulos de conhecimentos para exercerem sua missão apostólica; ou, o que é mais provável, refuta-se a participação imediata de Deus nas ações dos discípulos e nas passagens bíblicas, afirmando-se que essas passagens, ditas muito antes de serem registradas nas Escrituras, foram apropriadas pelos eruditos autores bíblicos, que reelaboraram o texto com seus conhecimentos retóricos. O “discurso de Pedro”, em Atos, foi escrito por Lucas por volta de 80 da nossa era, certamente Lucas lera as obras de Aristóteles, Cícero e Quintiliano e as adaptou ao discurso de Pedro. Quaisquer

que sejam as respostas, a intenção é a de indicar a presença de *topois*, de lugares-comuns da Retórica Antiga nas Escrituras Sagradas. Demonstrar-se-á, no texto seguinte, o emprego de tais preceitos retóricos no Sermão da Sexagésima do padre Antônio Vieira.

## 2 – A argumentação no Sermão da Sexagésima.

O *Sermão da Sexagésima* é um dos mais importantes e, com certeza, o mais conhecido dentre os sermões vieirianos. Trata-se de sermão prescritivo ou didascálico, pois cuida de ensinar aos ouvintes a pregar e a identificar um bom sermão. Segundo Vieira, se o sermão não persuade há dois erros possíveis: de elaboração ou de fé, em outras palavras, há erro retórico ou teológico. (PÉCORRA, 1994, p.41)

Segundo Aristóteles, o discurso comporta três elementos: “[...] a pessoa que fala, o assunto de que se fala e a pessoa a quem se fala” ([1998], p. 39). Logo, se o erro é retórico, pode advir do orador, do assunto abordado ou do ouvinte. Mas, o discurso religioso acrescenta outra influência, a da ação divina. Vieira analisa o possível erro que possa advir de cada influência separadamente. É o que se verá abaixo:

## 2.1 – A influência divina no discurso cristão.

A sociedade portuguesa do século XVII vive “uma concepção providencialista da história presente em todas as práticas de representação” (HANSEN, p.8)<sup>25</sup>. O mundo não é apenas mundo, mas um livro escrito por Deus no qual Ele “[...] escreve a intenção secreta da sua Vontade” (Ibid., p. 2). Sua palavra é a semente que se deve cultivar porque Ele é ‘Semeador da Existência, do Poder, do Conhecimento e do Amor’ (CAMPANELLA, apud FOUCAULT, 1987, p.35).

É tal a força e a qualidade das sementes divinas que Vieira, para provar tamanha fertilidade, recorre aos Livros Sagrados e resgata a Parábola do Semeador que “saiu a semear a sua semente”, mas, parte das sementes caiu no caminho e foi pisada pelos homens e as aves a comeram; outra caiu nas pedras e tendo nascido secou por falta de raízes; algumas sementes caíram e brotaram entre os espinhos, mas também não frutificaram, pois os espinhos as

---

<sup>25</sup>Ler & ver: pressupostos da representação colonial. **Furtunecity**. Disponível em: <http://www.victorian.fortunecity.com/statue/44/zlerverpressupostos.htm> >. Acesso em: 22 jan. 2002.

sufocaram; as últimas sementes, porém, caíram em terra boa; tendo nascido, produziram frutos cem por um. Qual a razão dessa parábola? Trata-se de discurso alegórico em que os termos são figurados: o semeador é metáfora usada para Deus, as sementes são metáforas que figuram a palavra divina; as pedras e os espinhos representam os homens em cujos corações a palavra de Deus nasce, mas não frutifica, visto que escutam a palavra, mas logo depois, a esquecem, ou a sufocam com os cuidados, as riquezas e os prazeres da vida. Observe-se que mesmo entre as pedras e entre os espinhos a palavra de Deus brota, isto significa que essa palavra é tão forte que nasce nos corações dos homens, mesmo que esses sejam corações duros como pedras, cortantes como espinhos.

Assim argumenta o orador que a culpa de não fazer fruto a palavra de Deus não é da semente divina, mas de quem semeia, de como se semeia ou do lugar em que é semeada, em outras palavras, a culpa é do orador, do discurso, ou do ouvinte. “Sendo pois certo que a palavra divina não deixa de frutificar por parte de Deus; segue-se que ou é por falta do pregador, ou por falta dos ouvintes. Por qual será?” (VIEIRA, 2000, p. 30)

## 2.2 – A influência do ouvinte no discurso cristão.

Vieira faz primeiramente a distinção entre bom ouvinte e mau ouvinte. Bom ouvinte é o que escuta e segue a palavra de Deus, mudando sua vida, modificando seus costumes, desprezando as riquezas e as vaidades, ao passo que o mau ouvinte é o que escuta, mas não se transforma moralmente. O jesuíta emprega a metáfora presente na Parábola do Semeador dividindo os maus ouvintes em dois grupos, os que são como espinhos e os que são como pedras. Os ouvintes “espinho”, no *Sermão da Sexagésima*, não se referem aos que sufocam a palavra divina com os prazeres mundanos, como na passagem do Evangelho, mas os que têm entendimentos agudos, ouvem apenas as sutilezas e julgam os pensamentos. Os ouvintes “pedra” são os que têm vontade endurecida e não se enternecem com as palavras de Deus e estes são os piores ouvintes porque

[...] um entendimento agudo pode ferir pelos mesmos fios, e vencer-se a agudeza com outra maior; mas contra vontades endurecidas nenhuma coisa aproveita a agudeza, antes dana mais, porque quanto as setas são mais agudas, tanto mais facilmente

se despontam na pedra.(VIEIRA, 2000, p. 35).

Se, como foi visto, o discurso retórico visa “mover”, “instruir” e “deleitar” o auditório, conclui-se que os ouvintes “espinhos”, de entendimentos agudos, vão às prédicas para sentir prazer e deleite com as agudezas. Que consiste, “pues, este artifício conceptuoso em uma primorosa concordancia, em uma harmônica correlación entre los cognoscibles extremos, expresa por un acto del entendimiento” (GRACIÁN, In.: SARAIVA, p. 29). A agudeza é a aproximação de conceitos distintos proporcionada pelo engenho do orador. Vieira, como veremos, elabora várias agudezas na construção de suas alegorias. Embora, como afirma Hansen, a agudeza seja “um processo retórico generalizado” (HANSEN, p. 8)<sup>26</sup>, o uso excessivo e desenfreado dessas construções resultará no estilo elevado do discurso, que visa antes deleitar, que mover e instruir. Os ouvintes “espinhos” não são movidos, nem instruídos, mas

---

<sup>26</sup> Ler & ver: pressupostos da representação colonial. **Fortunecity**. Disponível em: <http://www.victorian.fortunecity.com/statue/44/zlserverpressupostos.htm> >. Acesso em: 22 jan. 2002.

apenas se deleitam com os rasgos oratórios. Os ouvintes “pedras”, são insensíveis, não se deleitam, não se instruem e não se movem. Pode-se dizer que são ouvintes anti-retóricos. A distinção, estabelecida por Vieira, dos tipos de ouvintes não se refere a “compreender” ou não a prédica, mas sim no prazer que sentem, ou não, em ouvi-la; pois os ouvintes “pedras” entendem o discurso, mas não se movem moralmente, ao passo que os ouvintes “espinhos”, também o entendem, mas, para eles o importante é o deleite.

Teriam os ouvintes “pedras” e “espinhos” alguma culpa em fazer pouco fruto a palavra de Deus? Não, para o jesuíta eles não são os culpados, pois a Palavra é tão forte que não se desfalece nas pedras nem entre os espinhos.

E se a palavra de Deus até dos espinhos e das pedras triunfa; se a palavra de Deus até nas pedras e nos espinhos nasce; não triunfar dos alvedrios hoje a palavra de Deus, nem nascer nos corações, não é por culpa, nem indisposição dos ouvintes. (VIEIRA, 2000, p. 35).

Mesmo sabendo da importância do ouvinte, a disposição ou indisposição deste em ouvir o sermão tende a desaparecer frente à magnificência da voz Divina. Nos discursos retóricos sempre há a relação entre o auditório que escuta o que o orador diz. Mas no sermão não é assim, trata-se de ouvintes que escutam o que Deus lhes diz; o pregador é o “porta-voz” do discurso divino; para Vieira, a força que Deus exerce como sujeito do seu discurso é incomparável. Logo, se há ineficácia no sermão não é por culpa de Deus, nem do ouvinte. A culpa, se existe, é, portanto dos oradores, “[...] mas como em um Pregador há tantas qualidades, e em uma pregação tantas leis<sup>27</sup>, e os Pregadores podem ser culpados em todas, em qual consistirá esta culpa? (VIEIRA, 2000, p. 36).

### **2.3 – A influência do pregador no discurso cristão.**

Ao analisar a intervenção do pregador no efeito do discurso religioso, o jesuíta se refere a algumas leis da Retórica Antiga adaptadas à nova escolástica, ou seja, Vieira alude às três etapas de criação do discurso retórico: questão,

---

<sup>27</sup> Vieira refere-se evidentemente às leis retóricas.

elaboração e execução. A essas leis ele dá o nome de “circunstâncias” e as expõe individualmente no intuito de descobrir em qual delas os oradores transgridem.

### 1- Circunstância de pessoa:

Como o próprio nome diz, trata-se da pessoa do orador. Quem é o pregador? O seu estilo de vida é exemplo para a platéia ou suas atitudes anulam a credibilidade das palavras que profere? Visto que “[...] o melhor conceito que o Pregador leva ao púlpito, qual cuideis que é? É o conceito que de sua vida têm os ouvintes.” (VIEIRA, 2000, p. 36).

O sucesso do discurso não está apenas nas palavras, mas em quem as pronuncia, nesse sentido o ouvinte é extremamente ativo, pois além de ouvir a prédica, avalia as palavras tendo por base o julgamento que tem do caráter do orador. “A vida do orador será – para se fazer escutado com docilidade – de peso bem maior do que a mais sublime elevação de sua linguagem” (AGOSTINHO, 2002, p. 271).

Se quando os ouvintes percebem os nossos conceitos, têm diante dos olhos as nossas

manchas, como hão de conceber virtudes? Se a minha vida é apologia contra a minha doutrina, se as minhas palavras vão já refutadas nas minhas obras, se uma coisa é o semeador, e outra o que semeia, como se há de fazer fruto? (VIEIRA, 2000, p. 38).

Na passagem supracitada percebe-se claramente que nem todo mundo está habilitado para falar acerca de determinado assunto, principalmente o religioso. Sobre tais temas apenas alguns escolhidos estão aptos, isso devido à vida austera que levam, a qual se torna exemplo para a platéia, que será persuadida com as palavras, e com as ações, isto é, as “obras” do pregador. Tudo o que foi dito acima é sintetizado por Santo Agostinho nestes termos: “Assim, os fiéis não escutam com docilidade e desprezam a Palavra de Deus que lhes é pregada, ao mesmo tempo que desprezam o pregador” (2002, p. 272).

A expressão “circunstância de pessoa” refere-se às provas retóricas psicológicas *éthos*, em que a conduta e o caráter do orador repercutem na credibilidade dos ouvintes. A boa conduta já fora prescrita pelos retores da Antiguidade, no entanto, no século XVII, essa boa conduta não é só

moral, mas moralmente religiosa. De modo que se deve viver conforme as regras estabelecidas pelo cânone católico, respeitando os sacramentos e dogmas; ou seja, a boa conduta é contra-reformista.

Seria, pois, o comportamento repreensível dos oradores o motivo de não fazer fruto a palavra de Deus? Para Vieira, embora o argumento seja forte, ainda não é nele em que repousa o fracasso do sermão. O orador prossegue em sua busca e indaga: “Será porventura o estilo que hoje se usa nos púlpitos?” (2000, p.39).

## 2) Circunstância de estilo.

“O estilo do sermão deve ser fácil e natural” (Ibid., p. 39). Esse preceito sugere que

[...] nas passagens onde a eloquência é facilmente reconhecível pelos entendidos, os pensamentos expressos são tais que as palavras usadas não parecem ser procuradas pelo escritor, mas surgiram espontaneamente unidas às idéias. (SANTO AGOSTINHO, 2002, p. 216).

O que Vieira prescreve e Santo Agostinho ratifica é, de fato, o estilo ténue ou médio aludido por Cícero. O jesuíta, a exemplo de Cícero, recrimina as alocações proferidas de modo elevado, declarando que o “estilo culto não é escuro, é negro, e negro boçal e muito cerrado” (VIEIRA, 2000, p. 40). Vieira metaforiza os discursos dos dominicanos de “negro boçal”, ele retira a metáfora dos discursos do escravismo que distinguia dois tipos de negros: o “ladino” e o “boçal”. O ladino é o africano, que já fala o português; o boçal é o negro recém-chegado da África que desconhecia o idioma, sua fala incompreensível estorvava-lhe difícil a comunicação (HANSEN, 1997, p. 543). Do mesmo modo, os discursos cultos dos dominicanos são empecados, isto é, dificultosos de compreender. Para ser persuadido o público deve entender o que está sendo dito e envolver-se com o discurso; logo, os oradores

Devem em todos os seus discursos trabalhar primeiramente, e, sobretudo, para se tornarem compreensíveis, pelo modo de falar mais claro possível. De maneira que somente um espírito muito lento não os compreenda, ou, então, porque as questões

que desejam esclarecer são muito difíceis e sutis. Mas que não seja por culpa de seu modo de comentar. (SANTO AGOSTINHO, 2002, p. 228).

A importância da clareza é evidenciada desde a Retórica Antiga em Aristóteles, em Cícero, em Quintiliano, sobrevivendo nas mais diversas épocas, ora em evidência ora não tão significativa. Vieira lança mão da seguinte alegoria na sua argumentação: as palavras devem ser como as estrelas, distintas e claras.

Assim há de ser o estilo da pregação, muito distinto e muito claro. E nem por isso temais que pareça o estilo baixo; as estrelas são muito distintas e muito claras e altíssimas. O estilo pode muito claro e muito alto; tão claro que o entendam os que não sabem, e tão alto que tenham muito que entender nele os que sabem. O rústico acha documento nas estrelas para sua lavoura, e o mareante para sua navegação, e o matemático para suas observações e para seu juízo. De maneira que o rústico e o mareante, que não sabem ler, entendem as estrelas, e o

matemático que tem lido quantos escreveram não alcançam a entender quanto nelas há. (VIEIRA, 2000, p. 40).

O jesuíta, mais uma vez, recupera o pensamento de Cícero a respeito do estilo ténue, pois o orador romano afirmou que: *“Es um estilo sencillo, bajo, cuyo modelo es el lenguaje normal, pero más cercano em realidad a la elocuencia de lo que normalmente se cree”*.(CÍCERO, 1997a. p. 67).

Seria este o motivo dos discursos não persuadirem? Seria devido ao estilo do pregador? Embora seja forte o motivo, Vieira não acredita que seja o “estilo” o grande mal dos pregadores. “Qual será logo a causa de nossa queixa? Será pela matéria ou matérias que tomam os pregadores?” (VIEIRA, 2000, p. 41).

### 3) Circunstância de matéria.

Entende-se por “matéria” a questão ou tema argumentado na prédica, a qual consiste, para a Retórica Antiga, na primeira etapa de elaboração do discurso

retórico. Segundo Vieira, o sermão, para ser claro, deve tratar apenas de um assunto que será analisado em sua profundidade, isto é, retoricamente, definindo-se os conceitos, argumentando-se com exemplos, expondo-se as causas, revelando-se as circunstâncias, esclarecendo-se as dúvidas, combatendo-se as provas contrárias.

Na produção do discurso persuasivo, prescrito na Retórica Antiga, o orador deve apresentar a *Status Quaestionis*, ou seja, a questão, o tema que irá proferir e cada discurso deverá discorrer sobre um só assunto. Vieira, fortalecendo esse preceito, compara o orador ao semeador que planta uma só espécie de semente em cada plantação, assim também deve ser o sermão, pois se o semeador misturar diversas espécies de sementes não terá colheita certa, mas sim grande “confusão verde”. No texto, é relembrado o exemplo de Jonas, veja:

De maneira que Jonas em quarenta dias pregou um só assunto, e nós queremos pregar quarenta assuntos em uma hora? Por isso não pregamos nenhum. O sermão há de ter uma só cor, há de ter um só objeto, um

só assunto, uma só matéria.(VIEIRA, 2000, p. 41-42).

Estaria aí o motivo de não dar fruto o sermão? Seria por que os oradores emergem os mais diversos assuntos em um só sermão e os apresenta superficialmente não podendo o auditório compreender o tema? Talvez seja bom motivo, “mas nem por isso entendo que seja, ainda, esta a verdadeira causa que busco. Será, porventura, a falta de ciência que há em muitos pregadores?” (VIEIRA, 2000, p. 43).

#### 4) Circunstância de conhecimento ou ciência.

Embora nos discursos religiosos deva-se pregar a palavra Divina, não basta que se decore as palavras, mas é preciso que as entenda para que se possa explicá-las. A circunstância de ciência é exatamente o conhecimento que o orador detém daquilo que profere, pois “*la elocuencia sin sabiduría casi siempre estorba demasiado; nunca aprovecha*”.(CICERO, 1997b, p. 1). “O pregador há de pregar o seu e não o alheio” (VIEIRA, 2000, p. 43), há de explicar a Palavra divina valendo-se do próprio

conhecimento, e não das palavras de outro orador. Vieira, em sua invenção, lança mão da mitologia como prova retórica dependente, elaborada a partir do lugar-comum da comparação, para exemplificar a verdade do que diz. Observe: “O pregar é entrar em batalha contra os vícios; e as armas alheias, ainda que sejam as de Aquiles a ninguém deram vitória.” (2000, p.43) . Que significa esta passagem? Aquiles, rei dos Mirmidões, filho de Tétis e Peleu, foi o mais célebre dos heróis de Homero; sua força e destreza nas armas o tornaram quase semideus. Pátroclo, amigo preferido de Aquiles, tomou emprestadas as invencíveis armas do herói grego e foi lutar contra os troianos. No entanto, mesmo equipado com incomparável arsenal, foi vencido e derrotado por Heitor (COMMELIN, 1997, p. 311-314). Então, pergunta-se ao leitor, como pôde Pátroclo ser derrotado tendo em suas mãos armamento tão poderoso? Foi vencido porque as armas de Aquiles por mais invencíveis que sejam, só servem a Aquiles, cuja destreza e arte as fazem especiais. Pátroclo levou as armas, mas não tinha a habilidade do amigo. Do mesmo modo que as armas de Aquiles só servem para Aquiles, assim também as palavras de um orador não servirão para que outro pregador vença a

“batalha contra os vícios” e consiga persuadir. “Enfim, pregar o alheio é pregar o alheio, e com o alheio nunca se fez coisa boa” (VIEIRA, 2000, p. 44). Os pregadores religiosos têm por matéria dos sermões a palavra de Deus, ou seja, a fonte dos seus discursos é a mesma: as Escrituras, o que muda é a agudeza, isto é, a capacidade de estabelecer, pelo conhecimento, relações entre coisas distintas, enriquecendo, esclarecendo e explicando a palavra de Deus. O conhecimento ou sabedoria, como fora exposto por Aristóteles, constitui uma das partes da virtude, Vieira resgata os ensinamentos aristotélicos que foram revalidados por Quintiliano, e os tornam paradigmas para o discurso religioso.

Mas Vieira não acredita que seja esta a razão de não frutificar a Palavra de Deus, pois há vários oradores que copiaram os discursos dos outros. “Deixo o que tomou Santo Ambrósio de S. Basílio; S. Próspero e Beda de Santo Agostinho; Teofilato e Eutímio de S. João Crisóstomo”.(Ibid., 2000, p. 45) Onde estará a causa que procura? “Será finalmente a causa, que há tanto buscamos, a voz com que hoje falamos os pregadores?” (Ibid., p. 45).

## 5) Circunstância de voz.

A última circunstância que Vieira aborda é a da voz, também já mencionada pela Retórica Antiga que a estabelece como etapa final de criação do discurso persuasivo, a saber: execução. Para demonstrar-lhe a relevância, servindo-se novamente das Escrituras como provas retóricas independentes, o jesuíta refere-se à alegoria apresentada por Isaías, que nomeia os pregadores de nuvens. Por que nuvens? Sabe-se que o relâmpago, o trovão e o raio são fenômenos naturais que surgem das nuvens e se manifestam de modo diferente: o relâmpago ilumina, o trovão estronda e o raio fere. No entanto, a propagação da luz dos relâmpagos é pequena, poucos a observam; o raio que fere, atinge um de cada vez; o trovão, este assusta a todos. “Assim há de ser a voz do pregador: um trovão do Céu, que assombre e faça tremer o mundo” (VIEIRA, 2000, p. 46). Mas Vieira não crê que a ineficácia das prédicas esteja na voz com que os oradores proclamam seus discursos, visto que Moisés (Deut. XXXII) desejava que suas palavras fossem como o orvalho que se destila brandamente sem ruído.

E assim, após percorrer os caminhos da retórica na tentativa de encontrar os possíveis erros de elaboração e execução cometidos pelos oradores, Vieira finalmente descobre onde reside a culpa. Não se trata de erro retórico, mas de Fé. É porque as palavras dos pregadores são palavras, mas não são palavras de Deus.

Dizei-me, pregadores (aqueles com quem eu falo indignos verdadeiramente de tão sagrado nome) dizei-me: esses assuntos inúteis que tantas vezes levantai, essas empresas ao vosso parecer agudas que prosseguis, achaste-las alguma vez nos Profetas do Testamento Velho, ou nos Apóstolos e Evangelistas do Testamento Novo, ou no Autor de ambos os testamentos, Cristo? É certo que não, porque desde a primeira palavra do Gênesis até à última do Apocalipse, não há tal coisa em todas as Escrituras. Pois se nas Escrituras não há o que dizeis e o que pregais, como cuidais que pregais a palavra de Deus?! (VIEIRA, 2000, p. 48).

Todo o *Sermão da Sexagésima* apóia-se na “Doutrina Cristã” de Santo Agostinho, que copilando os preceitos da Retórica Antiga elabora, principalmente no Livro IV, as regras da Retórica Cristã, baseando-se acentuadamente em Cícero.

Para Santo Agostinho, “o pregador é o que interpreta e ensina as divinas escrituras” (2002, p. 211), por isso deverá “conquistar o hostil, motivar o indiferente e informar o ignorante”, donde se percebe a correspondência com as funções do discurso retórico estabelecidas por Quintiliano, a saber: mover, deleitar e instruir. Santo Agostinho, seguindo os passos de Cícero, afirma que a beleza do discurso deverá ser antecedida pelo conhecimento pois “o orador que exorbita numa eloquência sem sabedoria deve ser tanto mais evitado quanto mais os ouvintes sentem prazer ao ouvi-lo expor inutilidade” (2002, p. 212). A inutilidade é tudo o que se distancia do verdadeiro sentido da palavra divina:

Nesses lugares, nesses Textos que alegais para prova do que dizeis, é esse o sentido em que Deus as disse? É esse o sentido em que os entendem os Padres da Igreja? É esse o sentido da mesma Gramática das

palavras? Não, por certo; porque muitas vezes as tomais pelo que toam, e não pelo que significam, e talvez nem pelo que toam. Pois se não é esse o sentido das palavras de Deus, segue-se que não são palavras de Deus (VIEIRA, 2000, p. 48).

Logo, conforme Vieira, o orador tem o dever de falar com sabedoria e conhecimento, sendo fiel às palavras da escritura. Santo Agostinho afirma que: “Assim quem era menor por seu próprio vocabulário crescerá pelo testemunho das magníficas palavras da Escritura. Ele agrada, certamente, ao provar com citações escriturísticas, já que pode desagradar com suas palavras pessoais” (2002, p. 213).

Dentre todas as circunstâncias apresentadas por Vieira, o pregador diverge, parcialmente, de Santo Agostinho apenas no que se refere à apropriação de discursos elaborados por um pregador e copiados por outro. Para Santo Agostinho,

Certamente, existem homens capazes de pronunciar muito bem um discurso, mas incapazes de o compor. Se eles tomam de outros um discurso escrito com sabedoria e eloquência, e tendo-o aprendido de cor,

pronunciam-no diante do povo, não fazem nada de repreensível [...] sob a condição, porém, de que todos ensinem a mesma verdade em nome do verdadeiro Mestre e que não haja divisões entre ele [...] porque as idéias expressas pelo que compôs o discurso são da propriedade de Deus. E são também de Deus os que não souberam compor por si próprios, mas vivam conforme essas idéias. (2002, p. 274-276).

Embora Vieira condene o assenhoreamento do discurso alheio, o jesuíta não deixa de elogiar João Batista e Santo Ambrósio que se apoderaram das palavras de Isaías e São Basílio respectivamente; entretanto, para o jesuíta, o verdadeiro orador é aquele que está apto a elaborar e a executar suas homilias, ou seja, aquele que coerentemente percorrer o trajeto de criação do belo discurso persuasivo. A existência de algumas divergências se explica por serem as leis do discurso dialético dialética e parcialmente modificadas segundo o estilo de época dos participantes do ato discursivo.

Observa-se, pelo que fora exposto, que o *Sermão da Sexagésima*, discurso de caráter eminentemente prescritivo, é uma prova da apropriação dos cânones e paradigmas da Retórica Antiga pela nova escolástica. A diferença entre os discursos retóricos pagãos e os discursos retóricos religiosos fundamenta-se na percepção de que as prédicas tinham dois autores: Deus e o orador. A Ele cabe fornecer as provas aos oradores sacros, isto é, propiciar a **Invenção**, que para Aristóteles é o pilar fundamental da retórica; as provas divinas estão inscritas nos dois livros de Sua autoria: as Sagradas Escrituras e o mundo. Aos pregadores cabe organizar, embelezar, decorar e proclamar a palavra divina, ou seja, compete-lhes a **Disposição** (organizando o exórdio, a proposição, a narração, a argumentação e a peroração), a **Elocução** (ornando o discurso), a **Memória** (decorando-o) e a **Ação** (proclamando-o).

Munidos desse grande arsenal retórico, Viera e os jesuítas empreenderam a constante guerra contra os vícios, adquirindo prestígio político junto à coroa real interferiram diretamente na política colonial portuguesa d'além mar, demonstrando a validade da sentença de Cícero: “a eloqüência provida de sabedoria, em tudo se aproveita”.

## **Bibliografia:**

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Tradução de Antônio Pinto Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, [1998]. 290 p.

**BÍBLIA SAGRADA**. Tradução do Centro Bíblico Católico. 38. ed. São Paulo: Claretiana, 1982.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 3. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1992. 411 p.

BOXER, C. R. **A Igreja e a expansão ibérica (1440-1770)**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989. 155 p.

BUENO, Silveira. **A arte de falar em público: retórica, eloquência, acadêmica**. 10. ed. São Paulo: Brasilivros, 1987. 146 p.

CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira**. São Paulo: Edusp, 1999. v. 1.

CICERO. **El orador**. Traductor E. Sánchez Salor. Madrid: Alianza, 1997a. 157 p.

\_\_\_\_\_. **De la invención retórica**. Introducción, traducción y notas: Bulmaro Reyes Coria. México: UNAM, 1997b. 204 p.

CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999. v. 2.

CUNHA, Manuela Carneiro. Imagens de índios do Brasil: o século XVI. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 4, n. 10, p. 91-110, set./dez. 1999.

COMMELIN, P. **Mitologia grega e romana**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CURTIUS, Ernst Robert. **Literatura europeia e idade média latina**. Tradução de Paulo Rónai e Teodoro Cabral. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996. 755p.

DAVIS, John D. **Dicionário da Bíblia**. Tradução de Ver. J. R. Carvalho Braga. 22. ed. São Paulo: Hagnos, 2002. 660 p.

ECO, Umberto. **Arte e beleza na estética medieval**. Tradução de Roberto Romano. 2. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

FARIA, Ernesto. **Dicionário latino-português**. 6. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1991.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 4. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996. 650 p.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução de Slama Tannus Muchail. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

FRANCO, Eduardo; REIS, Bruno Cardoso. O padre António Vieira na literatura anti-jesuítica (sécs. XVIII-XX).

**Brotéria**, Lisboa, v. 145, n. 4/5, p. 493-522, out./nov. 1997.

GILSON, Etienne; PHILOTHEUS, Boehner. **História da filosofia cristã**. Tradução e notas de Raimundo Vier. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. 582 p.

GRACIÁN. Baltasar. **Agudeza y arte de ingenio**. Edición, introducción y notas: Evaristo Correa Calderón. Madrid: Castalia, 1988. 279 p.

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria**: construção e interpretação da metáfora. 2. ed. São Paulo: Atual, 1987. 112 p.

\_\_\_\_\_. Vieira: tempo, alegoria e história. **Brotéria**, Lisboa, v. 146, p. 541-556, 1998.

\_\_\_\_\_. Vieira, estilo do céu, xadrez de palavras. **Discurso**, São Paulo, n. 9, p. 173-193, 1978.

\_\_\_\_\_. Ler & ver: pressupostos da representação colonial.

**Fortunecity**. Disponível em:

<http://www.victorian.fortunecity.com/statue/44/zlserverpressupostos.htm>>. Acesso em: 22 jan. 2002.

\_\_\_\_\_. Leituras coloniais. In: ABREU, Márcia (Org.).

**Leitura, história e história da leitura.** Campinas: Mercado de Letras, 2000. p. 169-182.

\_\_\_\_\_. Sem f, sem l, em r: cronistas, jesuítas & índio no século XVI. **Caderno Cedes**, São Paulo, n. 30, p. 45-55, 1993.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. et al. **História geral da civilização brasileira.** 8. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1989. 379 p. v. 1, t. 1.

HOUAISS, Antônio (Dir.). **DICIONÁRIO KOOGAN LAROUSSE.** Rio de Janeiro: Houaiss, 1987.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia.** 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LAUSBERG, Heinrich. **Elementos de retórica literária.** Tradução, prefácio e aditamentos de R. M. Rosado Fernandes. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982. 294 p.

LINS, Ivan. **Sermões e cartas do padre Antônio Vieira.** 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, [199-]. 243 p.

LISBOA, João Francisco. **Vida do padre Antônio Vieira.** São Paulo: W M. JACKSON, 1970. 394 p.

LOPES, António SJ. Como agir na fronteira do imponderável: estudo sobre a questão da escravatura dos indos e negros, na vida do padre Vieira. **Brotéria**, Lisboa, v. 145, n. 4/5, p. 321-345, out./nov. 1997.

MELO, Luís Rocha. O sentido espiritual das parábolas. **Brotéria**, Lisboa, v. 145, n. 4/5, p. 467-479, out./nov. 1997.

MENDES. João. **Padre Antônio Vieira**. Lisboa: Verbo, 1972. 133 p.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador.(Org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo: Humanitas, 1997. 200 p.

PÉCORA, Alcir. **Máquina de gêneros**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001. 245 p.

\_\_\_\_\_. **Teatro do sacramento**: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antonio Vieira. São Paulo: Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1994. 286 p.

\_\_\_\_\_. Tópicos políticas dos escritos de Antônio Vieira e outros textos. In: Vieira, Antônio. *Escritos históricos e políticos*. 1995. p. vii-xxvi.

PEDRO, Aquilino de. **Dicionário de termos religiosos e afins**. São Paulo: Santuário, 1993. 368 p.

PELOSO, Silvano. O paradigma bíblico como modelo universalista de leitura em António Vieira. **Brotéria**, Lisboa, v. 145, n. 4/5, p. 557-575, out./nov. 1997.

PEREIRA, Marcos Aurélio. **Quintiliano gramático: o papel do mestre de gramática na Institutio oratória**. São Paulo: Humanitas, 2000. 195 p.

PETRI, Maria José Constantino. **Argumentação lingüística**. São Paulo: Plêiade, 2000. 209 p.

PITTA, Rocha. **História da América portuguesa**. São Paulo: W M. Jackson, 1965. v. XXX. 493 p.

PLATÃO. **Diálogos**. Rio de Janeiro: Ediouro, [198-]. 218 p.

QUINTILIANO. **Instituições oratórias**. São Paulo: Cultura, 1944. 2 v.

SANTO AGOSTINHO. **A doutrina cristã**. São Paulo: Paulus, 2002. 277 p.

SANTOS, Beatriz Catão Cruz. **O pináculo do temp(l)o: o sermão do padre Antônio Vieira e o Maranhão do século XVII**. Brasília: Universidade de Brasília, 1997. 106 p.

SARAIVA Antonio J. **O discurso engenhoso**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SILVEIRA, Francisco Maciel. **A literatura barroca**. São Paulo: Global, 1986.

SOARES, Cipriano. **Arte retórica**. Tradução e notas de Benedito Silvério Augusto. Lisboa: FL, UCL, 1995

TRINGALI, Dante. **Introdução à retórica**. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

VIEIRA, Antônio. **Sermões do padre Antônio Vieira**. Apresentação crítica, seleção e sugestões: Margarida Vieira Mendes. 2. ed. Lisboa: Seara Nova, 1982. 194 p.

\_\_\_\_\_. **Sermões Padre Antônio Vieira**. Organização e introdução: Alcir Pécora. São Paulo: Hedra, 2000. 661 p. Tomo 1.

\_\_\_\_\_. **Sermões Padre Antônio Vieira**. Organização e introdução Alcir Pécora. São Paulo: Hedra, 2001. 603 p. Tomo 2.

\_\_\_\_\_. **A arte de morrer**. Prefácio, notas, organização e concepção: Alcir Pécora. São Paulo: Nova Alexandria, 1994. 128 p.

VILAR, Socorro De Fátima P. **A invenção de uma escrita**. Anchieta, os jesuítas e suas histórias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.



**Livro Rápido**

Serviço de impressão de obras  
raras e contemporâneas.

Visite-nos e comprove nossas vantagens

[www.livrorapido.com.br](http://www.livrorapido.com.br)

Rua Dr. João Tavares de Moura, 57/69 - Pebinhos  
Olinda/PE - CEP: 59230-290  
Fones: (81) 2121.5300 - Fax: (81) 2121.5333  
e-mail: [livrorapido@grupoelogica.com.br](mailto:livrorapido@grupoelogica.com.br)